

Educação. Professores se desdobram para explicar momento do país sem influenciar as conclusões dos estudantes

Em meio à crise política, alunos levam as dúvidas à sala de aula

Conceito de crime de responsabilidade e papel dos poderes são questões comuns

■ LUIZA MUZZI

Se até para eleitores mais experientes o atual momento político do país é motivo de incertezas, adolescentes que iniciam agora seu contato com a política se veem diante de um cenário complexo, em que dúvidas sobre conflitos e interesses surgem a todo instante. Naturalmente, é para a escola que eles direcionam a busca por respostas, deixando professores – especialmente de história, geografia e filosofia – com a importante missão de descontruir mitos e esclarecer conceitos e contextos fundamentais para a compreensão da vida em sociedade.

Para entender como a dinâmica da discussão política em um momento de debates exaltados tem sido feita em sala de aula, **O TEMPO** ouviu professores de seis grandes colégios de Belo Horizonte. Em comum, os docentes relatam a preocupação em não fomentar rixas partidárias e ideológicas, mas em munir os estudantes de informações concretas que possam enriquecer sua argumentação e, assim, possibilitar a construção de posicionamentos políticos próprios.

“Não entramos na polarização, nem na discussão de

quem está certo ou errado. Nossa objetivo é fazer o debate e acolher as dúvidas. A conclusão, o próprio aluno é que vai tirar”, explica Marisa Ribeiro Silva, professora de história do Colégio Loyola.

Os professores defendem que só com o entendimento dos contextos e dos interesses de todos os lados será possível que os alunos compreendam o atual momento político para além de discursos ricos que por vezes acabam reproduzindo. “Nas redes sociais, as pessoas não trazem um arcabouço acadêmico para a discussão. Aqui, o meu papel é de desconstrução do senso comum, para que o aluno faça suas análises e interpretações a partir do que acredita”, corrobora Renata Andrade, professora de história do Colégio Santo Agostinho.

QUESTIONAMENTOS. Entre as dúvidas mais comuns levadas pelos estudantes para sala de aula, estão indagações sobre o que é um crime de responsabilidade, quais são as funções dos três poderes, o que pressupõe um Estado democrático de Direito e como funciona o processo de fiscalização do Executivo.

Quando chega, nas aulas de história, a hora de estudar o impeachment, os professores admitem que a comparação entre os processos envolvendo Fernando Collor e Dilma Rousseff é inevitável. Nesse momento, explicam, o esforço é por explicar os contextos históricos

que

e político de cada caso, além de mostrar os argumentos que constroem os discursos envolvidos, para que os alunos possam conseguir compreender as diferenças entre os dois processos.

“Claro que eles vão perguntar se é a mesma coisa. Mas a gente parte do pressuposto que a história não se repete necessariamente. Os próprios alunos descobrem as continuidades e as rupturas”, explica Juliana Tauil, professora de história e filosofia da rede Colegium.

Os professores ressaltam que é preciso responsabilizar

o trato com a temática. “Os meninos estão ansiosos. Eles trazem muita informação que escutam e a sala acaba sendo um ponto de pressão grande, porque eles querem o discurso de autoridade do professor para resolver suas dúvidas. Por isso, é preciso tomar cuidado”, pondera Juliana.

A professora conta que, na prática, os alunos saem mais confusos das aulas. “Isso é bom. O que estamos fazendo é explicando tecnicamente. Não temos direito de dar uma resposta pronta, nem fazer juízo de valor”.

“A ideia é sustentar o aluno academicamente, para que ele consiga argumentar, baseado no que acredita, sem discurso de ódio.”

Renata Andrade
PROFESSORA DE HISTÓRIA



Interesse. Professora Juliana Tauil conta que alunos ficam ansiosos para compreender crise política

Envolvimento
Interesse por política cresce nas escolas

Estudantes dos ensinos fundamental e médio estão, mais do que nunca, interessados no acompanhamento do cenário político nacional, na avaliação dos professores ouvidos pela reportagem.

“Tenho 25 anos de experiência na área, e percebo um interesse maior dos meninos agora. É claro que não há unanimidade, mas de modo geral o interesse é grande”, diz Silvânia Fortini, professora de geografia e atualidades do Colégio Magnum.

O envolvimento não se limita à rede particular de ensino. Professora de filosofia da Escola Estadual Pedro II, Leila Miranda conta que os alunos chegam em sala querendo saber quais informações, dentre as que veem na mídia, são verdadeiras. “Existe uma demanda que vem dos meninos e muito do que a gente faz é tentar contextualizar, fazendo com que os conteúdos se refiram na realidade. Eles estão tomando consciência que precisam do conhecimento, pois as decisões afetam diretamente a vida deles, e isso é bom”. (LM)

MOISÉS SILVA



Conceitos. Para a professora Marisa Ribeiro, é fundamental respaldar alunos com embasamento teórico

Multidisciplinaridade

Outras áreas auxiliam debate

Para auxiliar no processo pedagógico envolvendo a atual crise política do país, escolas belo-horizontinas têm recorrido a atividades extraclasses que possibilitam contribuições de outras áreas do conhecimento. Entre as ações já feitas e previstas em alguns colégios estão a realização de palestras com juristas e cientistas políticos, mesas redondas sobre cidadania, aulas multidisciplinares sobre corrupção, rodas de conversa e in-

tervenções artísticas.

No caso da apresentação do conteúdo do impeachment, nas aulas de história, os professores defendem que o primordial é o esclarecimento. “A tendência é achar que esses jovens de 16, 17 anos já sabem as regras constitucionais do impeachment e seus desdobramentos, mas eles não sabem. Então a primeira ação pedagógica é trazer a informação”, pondera a professora de história Carla Ferretti, do Colégio Santo Antônio.

Apesar do receio de algumas pessoas de que, nesse contexto, a sala de aula acabe virando palanque, Carla ressalta que a escola não pode nem deve ser furtar das discussões. “A política não tem que estar excluída da sala de aula. Ao contrário: o debate é o pressuposto da formação cidadã, e a sala precisa ser um espaço para que os alunos exercitem alguns princípios da democracia, como o diálogo, que pressupõe a fala e a escuta”, avalia. (LM)